



O Voleibol no Brasil

Trabalho realizado pelos ex-almunos:

Cap QMB José Fernandes QUADRA
 1º Ten Inf Carlos Augusto de OLIVEIRA PINTO
 1º Ten Inf Antonio WILTON Nascimento de Andrade
 1º Ten Int Antonio CARLOS de CARVALHO
 1º Ten Com Tasso de Siqueira OTTONI

Desde a sua criação em 1895, nos Estados Unidos o voleibol sofre diversas modificações através dos tempos, apresentando-se à época atual como um desporto altamente técnico, que exige, na preparação das equipes, uma

grande preocupação com o estado psicológico e o desenvolvimento e aprimoramento de diversas qualidades físicas, que abrangem, não só parâmetros da forma física, como da habilidade motora. (vide quadro abaixo).

MEC. Quanto a este aspecto, cumpre salientar que, por ocasião dos Jogos Pan-Americanos e Olímpicos, são destinadas verbas especiais à Confederação visando cobrir os altos gastos com a preparação e posterior participação da representação nacional nesses eventos, sendo que a maior parte destas verbas são oriundas da loteria esportiva.

O sistema de competição nacional está, basicamente, apoiado em Campeonatos Brasileiros, que, ultimamente, vêm sendo realizados em períodos de dois anos. As diversas federações filiadas à CBV são separadas em três divisões de acordo com seu nível técnico, sendo que os dois últimos colocados em uma divisão passam à divisão imediatamente inferior para a próxima disputa, o mesmo ocorrendo com os melhores colocados nas divisões inferiores, que ascendem à divisão imediatamente superior.

Este sistema de competição foi idealizado em substituição ao antigo sistema de distribuição dos Estados por zonas, que apresentava como fórmula base a determinação dos representantes zonais para o Campeonato Brasileiro por meio de competições re-

QUADRO I	
QUALIDADES FÍSICAS	
FORMA FÍSICA	HABILIDADE MOTORA
Flexibilidade Res Musc Localizada Endurance Musc Localizada Força Resistência Anaeróbica Endurance	Coordenação Relaxamento Parcial Agilidade Velocidade Explosão Tempo de Reação Equilíbrio

No Brasil, foi introduzido pela Associação Cristã de Moços - ACM - em 1917, alcançando boa aceitação, e em 1951 o Brasil disputava sua primeira partida internacional.

O órgão dirigente do voleibol em nosso País é a Confederação Brasileira

de Voleibol, que tem todo o seu trabalho alicerçado nas Federações estaduais. Subordinada, normativamente, ao Conselho Nacional de Desportos, a CBV encontra possibilidades de desenvolver suas atividades através das verbas que lhe são destinadas pela SEED/

gionais em que somente os dois primeiros colocados lograriam participação naquele campeonato. Apresentava, por, conseqüente, o inconveniente de que certas equipes, em regiões onde o voleibol apresenta um maior desenvolvimento, dificilmente conseguiriam uma participação nacional, pois teriam que se confrontar, na fase de classificação, com equipes tecnicamente superiores.

A modificação do sistema veio a solucionar esse problema, no entanto outros ainda se apresentam, tais como o das grandes distâncias a serem vencidas por certos Estados quando da realização de um Campeonato Brasileiro, o que acarreta um grande dispêndio de recursos, apesar de preservar o critério técnico.

Muito embora os problemas já mencionados tenham que ser levados em consideração, parece-nos o atual sistema bem mais coerente que o seu anterior.

EVOLUÇÃO DO DESPORTO

Revedo as participações brasileiras nas Olimpíadas, e Campeonatos Mundiais e Pan-Americanos, de 1960 até nossos dias, constatamos uma estagnação e mesmo uma certa regressão até 1975. A partir deste ano nota-se um começo de ascensão, espelhado pelo 7º lugar na Olimpíada de Montreal e com resultados positivos apresentados a partir de 1977. No entanto, terminada a Olimpíada de Moscou, verificamos que, apesar dessa melhora no quadro do voleibol brasileiro, furar a barreira imposta pelo bloco dos "grandes" do voleibol mundial, e alcançar uma tão almejada medalha Olímpica, parece-nos uma tarefa das mais árduas.

FATORES DE ENTRAVE

Uma série de fatores têm sido apresentada, ano após ano, como responsável por este nosso certo distanciamento dos grandes centros voleibolísticos do mundo. Tentaremos ordená-los, acompanhando-os de suas causas principais e algumas possíveis soluções.

O primeiro deles está relacionado com as nossas dimensões continentais. Para atender às necessidades do desporto em todo o País de forma satisfatória, necessárias seriam verbas de proporções impossíveis de serem levadas a termo pelo governo, não só pela conjuntura econômica atual, mas, também, pela necessária prioridade à área social, carente de maiores recursos. No entanto, as verbas não são as ideais mas existem, e aí paira a dúvida de como melhor empregá-las, ou pulveri-

zando-as em parcelas iguais pelas federações, ou distribuindo-as, proporcionalmente, às federações de maior participação e peso no desporto nacional, contribuindo desta forma para acentuar a elitização do desporto.

Ainda ligada a este aspecto, surge-nos outra interrogação: qual seria o melhor caminho? A massificação do desporto, ou um apoio mais adequado ao voleibol em alto nível?

Se o País é grande em dimensões, maiores são as distâncias que nos separam dos melhores centros voleibolísticos do mundo. Todas as grandes equipes, principalmente as da Europa Oriental disputam, anualmente, uma quantidade bastante elevada de jogos internacionais, devido à contigüidade territorial de seus países. Desta forma o intercâmbio técnico é continuamente efetivado. Mas no entanto, entre as equipes que figuram entre as primeiras do *ranking* mundial tal fato não é a regra geral e podemos citar o Japão, que mesmo não se situando muito próximo do Leste Europeu, através de um trabalho metódico e organizado maravilhou o mundo por alguns anos, apesar de se ressentir hoje da falta de uma maior renovação de valores. Portanto, as soluções nacionais bem ori-

entadas devem surtir efeito, e é este o caminho a ser trilhado, adequando o trabalho a ser realizado à realidade, características e modelo nacionais.

Outro aspecto que merece a nossa atenção, diz respeito à busca e seleção de valores. O Brasil apesar de apresentar uma massificação do voleibol de forma não muito satisfatória, apresenta uma interessante particularidade. Se fosse hoje, disputado um Campeonato Mundial de Voleibol nas categorias infantil, infanto-juvenil ou mesmo juvenil, nosso País figuraria, certamente, entre os primeiros colocados. A que poderíamos atribuir tal fato? Talvez à versatilidade do brasileiro, ou mesmo à sua facilidade de adaptação aos esportes praticados com bola. Mas no entanto esta perspectiva não apresenta continuidade; o garoto que se apresentava como uma promessa para o desporto, chega a um ponto em que tem que se decidir entre a dedicação; quase exclusiva, exigida pelo voleibol em alto nível, e o seu futuro profissional, e como, normalmente, esse garoto provém de uma classe social mais ou menos abastada, as suas perspectivas financeiras são por demais elevadas para serem atraídos pelo futuro incerto e de sacrifício imposto pelo desenvolvimento técnico no desporto.





Neste particular o Japão encontrou a sua solução nas empresas, responsáveis pela "adoção" de equipes em seus quadros, como a Nippon Kokan e a Shinitetsu que são responsáveis pela maior parte dos integrantes da seleção nacional.

Outro exemplo que encontramos no estrangeiro, e que vai de encontro à nossa realidade, é o da equipe feminina do Peru. Desde 1971 campeã sul-americana e segunda força das Américas, logo após Cuba, a equipe é constituída por moças de um nível social, em média, abaixo, o que faz do voleibol a sua perspectiva de futuro. Adotado tal modelo no Brasil, com a massificação do voleibol nas classes mais baixas, poderíamos até utilizar os atletas daí advindos, após o seu período áureo de competições, como auxiliares técnicos a princípio, ou mesmo como técnicos, os que se empenhassem em se diplomar para tal.

Entrando agora na dinâmica do "treinamento total", destacamos que, sem dúvida uma grande parcela do sucesso está no aproveitamento ótimo do atleta para o desporto em questão, e para o voleibol este aproveitamento está diretamente ligado às características morfológicas do atleta. E, de fato, a técnica individual está cada vez mais comprometida com as medidas antro-

pométricas dos atletas em busca de uma maior eficiência.

Algumas dessas características se apresentam como dons e como tal têm que ser consideradas quando da seleção de atletas, porém outras são fruto de um treinamento intenso e bem coordenado, tais como a força explosiva das pernas, básica para uma grande impulsão vertical.

Pecamos, também, nesse aspecto, agora por dois problemas de base, a falta de uma preparação física de base na infância e pré-adolescência, característica do brasileiro em todos os desportos, não por culpa do desporto em si, mas pela deficiente estrutura educacional brasileira; e a falta de treinamento das nossas equipes dentro de um tempo mínimo necessário ao eficiente aprimoramento técnico para a prática do desporto a nível competitivo.

De fato, o tempo para treinamento, tanto físico quanto técnico, utilizado por nossas equipes apresenta-se insuficiente, e as afirmativas do técnico da equipe brasileira, 7ª classificada na Olimpíada de 1976 em Montreal, TC Carlos Reinaldo Pereira Souto, em seu relatório à CBV após a competição, bem espelham essa problemática. Afirmava ele nesta oportunidade.

"Sob o ponto de vista técnico-tático a Seleção Brasileira não ficou nada

a dever às demais que nos precederam na tábua de classificação. O que diferenciou a nossa equipe das acima referidas foi o fato de, repetindo um número menor de vezes os exercícios e os jogos, apresentou uma maior incidência de erros".

E continuou dizendo:

"Analisando-se somente o aspecto Impulsão Vertical, verificamos que a média de nossa equipe deixa muito a desejar, principalmente se estabelecermos um paralelo com Cuba, Polônia ou URSS".

PERSPECTIVAS

Apresentada a situação atual do voleibol brasileiro, coalhado de problemas a resolver, e justamente num país que enfrenta sérios problemas econômicos, e no qual outras áreas tais como a social e educacional carentes de maiores recursos, percebem maior prioridade para a resolução de seus problemas, pareceríamos esperar para o desporto no Brasil. No entanto, as perspectivas parecem ser alentadoras.

A classe dirigente parece confiante e otimista diante da saída "capitalista" para o nosso voleibol, justamente aquela solução já adotada pelo Japão há anos, e que parece estar sendo

copiada por todos os países do bloco ocidental (EUA, Itália e outros) com sucesso, a da "adoção" de equipes nacionais por empresas do país.

De objetivo, podemos afirmar que contatos vêm sendo realizados a algum tempo, como por exemplo, os Grupos Atlântica Boa Vista (voleibol masculino) e Hygia (voleibol feminino), interessados nesta linha de ação.

Este seria, pois, o elo que nos falta para justamente ligarmos as nossas excelentes equipes na categoria juvenil, com o desporto em alto nível.

Além-se tudo isso, ao trabalho eficiente que vem sendo desenvolvido pela atual classe dirigente no desporto, trabalho esse baseado em um planejamento bem estruturado e organizado em períodos olímpicos e que, face à realidade brasileira, vem apresentando uma continuidade de resultados de expressão, tais como o 3º lugar no Campeonato Mundial Juvenil/77, o 6º lugar no Campeonato Mundial Adulto/78, com

a participação de todas as grandes equipes de voleibol mundial, o 2º lugar no Pan-Americano/79, e, finalmente, o 5º lugar conquistado nos Jogos Olímpicos em Moscou, com praticamente, a mesma equipe 3ª colocada no Campeonato Mundial Juvenil em 1977.

Outro aspecto que se avulta de importância, este agora já no campo técnico, se refere à recente resolução da FIV, em clínica realizada por ocasião dos Jogos Olímpicos de Moscou, a qual permite, a partir de então, que as recepções do saque adversário executadas de "manchete", e que porventura apresentem o desvio para um dos lados por incorreção de recepção, não sejam mais penalizadas pelo árbitro com a perda do ponto, permitindo, em contrapartida, o prosseguimento normal da jogada.

Ora, por estatística é comprovado que os árbitros interferem, por infra-

ção às regras, segundo os seguintes valores:

Recepção.....	40%
Ataque.....	20%
Levantamento.....	14%
Bloqueio.....	12%
Saque.....	10%
Diversos.....	4%

E as equipes brasileiras, juntando-se esta estatística à falta de treinamento, e conseqüente falta de repetição do gesto específico — preparação técnica — particularmente neste aspecto de recepção do saque, não apresentam uma recepção muito regular e eficiente.

Apesar dos problemas que enfrenta o nosso voleibol as perspectivas para o futuro são alvissaras e, corrigindo nossos principais defeitos, solucionando com um modelo próprio nossos principais problemas, dentro em pouco poderemos despontar entre os principais centros voleibolísticos mundiais.

QUADRO II

Países	Brasil	China	Cuba	Japão	Coréia	Polônia	URSS
Caracteres							
Idade	21.7± 3.10	22.0±0.60	23.8±2.04	26.6± 3.55	23.6±2.12	25.3±2.90	24.6±2.11
Altura	189.2± 5.72	187.2±4.02	186.8±6.51	188.7± 5.44	186.8±4.98	191.5±5.13	193.5±4.06
Força do Braço (kg)	(D) 29.7± 2.87 (E) 27.8± 2.77	18.3±2.89 18.6±3.34	32.3±5.45 30.5±3.78	28.9± 3.70 27.2± 3.92			
Força da Perna (kg)	(D) 71.2±13.04 (E) 78.6±18.88			110.2±26.69 107.2±21.67			
Salto Vertical (Centímetros)	73.5± 6.00	81.4±6.14	81.7±8.83	70.4± 6.95	79.1±3.70	64.8±7.02	80.3±6.88
Salto com 3 Passadas (Cm)	83.4± 6.71	91.1±8.16	91.1±5.57		88.71±3.20	72.9±7.14	88.9±6.89
Salto-Bloqueio (Centímetros)	76.1± 6.93	78.6±6.30	76.5±9.01		76.4±3.41	47.9±5.73	78.0±5.36
Alcance Máximo das Mãos (Cm)	241.0 4.28	243.3 6.16	245.1 8.32		234.5 9.12	250.7 6.91	247.0 9.07

BIBLIOGRAFIA

- *Treinamento Desportivo — Escola de Educação Física do Exército*
- *Relatório sobre a participação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1976*
- *Revista Volleyball Nº 01/79 — CBV*
- *Revista Volleyball Nº 03/80 — CBV*

- *Revista Escola de Educação Física do Exército*
- *Entrevista com o Sr. Ten Cel Carlos Reinaldo Pereira Sauto, ex-membro da Comissão de Desportos do Exército*
- *Entrevista com o Sr. Carlos Arthur Nuzman — Presidente da CBV*